

## **Capoeira: sua História e as Relações de Gênero**

Eliane Glória Reis da Silva Souza\*

### **Introdução**

Este ensaio tem como objetivo refletir acerca da História das mulheres na capoeira numa perspectiva de gênero. Aborda a capoeira desde sua origem, o desenvolvimento nas senzalas, arma utilizada contra o regime escravagista, símbolo de resistência do negro, contravenção penal até se tornar patrimônio cultural do Brasil. Com cerca de 300 anos, interpreta-se a capoeira como área de hegemonia masculina, na qual mantém-se à sombra a participação das mulheres desde o século XIX.

### **Capoeira, uma luta brasileira**

A origem da capoeira é controvertida. Há fontes que afirmam sua descendência de países da África enquanto outras afirmam sua origem no Brasil; essa última mais aceita. Souza (2006) afirma que embora ainda se discuta a origem da capoeira, a conclusão de muitos pesquisadores considerados autoridades no assunto (REGO, 1968; SOARES, 1994; VIEIRA, 1995) é de que ela foi desenvolvida através de rituais africanos no Brasil, já que não foi encontrada em nenhuma região africana ou do mundo. Estudiosos apontaram danças e rituais que supostamente podem ter contribuído para a formação da capoeira, como a bassula, N'golo e a cabangula (IÓRIO; DARIDO, 2005).

A capoeira é uma modalidade de expressão da cultura afro-brasileira, podendo assumir diversos formatos: dança, luta ou arte marcial, mas sabe-se que foi utilizada originariamente como instrumento contra o regime escravocrata no Brasil durante mais de três séculos, sendo o último país no mundo a abolir a escravidão, tendo trazido cerca de 8 milhões de negros de diversas etnias para o Brasil (FONSECA JÚNIOR, 1995; TUBINO, 2007; MURAD, 2009).

Não há consenso na literatura no que diz respeito à etimologia da palavra capoeira, Um local onde capões são criados ou apenas um cesto grande (FIGUEIREDO,

---

\* Mestranda em Ciências da Atividade Física – PGCAF/Universo/RJ.

1925); um jogo proveniente de Angola, utilizado como luta em três lugares brasileiros Recife, Salvador e Rio de Janeiro (CASCUDO, 1954); uma mata que se sucede à mata virgem, roçada ou destinada a roçar-se ou o negro sertanejo, que assalta os viajantes (REGO, 1968); são alguns significados encontrados. De acordo com Scisínio (1997) e Souza (2006) a capoeira vem de mato rasteiro, local onde os negros se escondiam e treinavam a luta.

Brito (2007) afirma que os documentos mais importantes sobre a capoeira foram encontrados no século XIX, época de seu ápice, quando a Bahia, o Rio de Janeiro e Pernambuco eram centros de capoeiragem. No início do séc. XIX, a capoeira foi proibida e reprimida pela polícia. Nas cidades do Rio de Janeiro e do Recife, a capoeira era interpretada como um jogo de rua ou uma arma de malandro; diferente da Bahia, onde era usada como luta, praticada de forma amistosa ao som de cantigas e instrumentos de percussão, tais como: berimbaus, ganzá e pandeiros, marcando o aceleramento do jogo (SOARES, 1994).

Soares (1994) e Pires (2004) o Marechal Deodoro desejava extinguir a capoeiragem no Rio de Janeiro, local de maior repressão e perseguição policial. Em 11 de outubro de 1890, foi promulgado o Decreto no. 847, prevendo a proibição de sua prática, mas a capoeira resistiu, com praticantes saindo das ruas para os morros, tornando-se menos violenta e mais “civilizada” (VIEIRA, 1995).

Tubino (2007) afirma que é através do jogo de capoeira que a luta é praticada. A capoeira pode ser entendida como uma modalidade de luta por ter sido usada como instrumento de liberdade pelos oprimidos (VIEIRA, 1995; TUBINO, 2007), mas não se restringe somente ao passado. Os Parâmetros Curriculares Nacionais a classificam como luta, tendo em vista que há técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização, ataque e de defesa (BRASIL, 1998). O Coletivo de autores (2004) apregoa a necessidade de manter e resgatar a capoeira como manifestação cultural, sem perder o foco do movimento original que a originou.

Neste trabalho adotamos a capoeira na dimensão da luta devido ao processo inicial que culminou com a sua criação; por ser uma prática popular ainda fruto do etnocentrismo que fomenta preconceitos e discriminações contra os negros, seus rituais, tambores, manifestações e identidades; por ser uma luta com cerca de 300 anos de

domínio do homem, área de reserva masculina, cuja presença, inserção e atuação das mulheres é recente.

A capoeira representa a síntese cultural que se operou através da miscigenação de diversas etnias afro-descendentes no Brasil (SOARES, 1994; BRITO, 2007). Mais do que uma “arma dos negros” ou uma “luta negra” contra o regime escravocrata ou uma luta do pobre *versus* a violência estatal, a capoeira pode ser considerada como um marco referencial das relações sociais urbanas que contava com a presença de negros, mestiços e estrangeiros de vários países (SOARES, 1994).

Antigamente, o jogo da capoeira era praticado de forma espontânea, nas ruas e praças, em dias de festa, em recinto aberto (REGO, 1968); possuindo dois estilos clássicos: regional e angola (REGO, 1968; TUBINO, 2007). Segundo Almeida (2006), 1928 foi o ano de origem da capoeira regional. Criada por mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), o estilo foi inspirado no batuque e na capoeira tradicional, com uso de mais golpes. Segundo ele, Mestre Bimba dizia ter feito a capoeira regional enquanto estudava e praticava a capoeira tradicional, inventando e aperfeiçoando os golpes; criando uma metodologia com exame de admissão para formatura; batizado, que caracteriza a festa de iniciação; o ritual de formatura, curso de especialização e os campeonatos.

Em 1932, Mestre Bimba tinha a sua própria academia, o Centro de Cultura Física Regional Baiana. Sua capoeira foi apelidada de regional e a tradicional foi apelidada de capoeira angola, por suspeitarem que ela viesse daquele país (REGO, 1968). Almeida (2006) entende que a capoeira regional, cujo pioneiro foi Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), é caracterizada pela agilidade de seus movimentos, com variedade maior do que os praticantes da capoeira Angola,

O acompanhamento musical da roda de capoeira é feito por diversos instrumentos: berimbaus, atabaques, pandeiros, caxixi, reco-reco e agogô e cada escola de capoeira ou mestre possui uma orquestra diferente, não significando uma mais adequada do que outra.

Existem diversas nomenclaturas de golpes e diversas fases de treinamento da luta (SOUZA, 2006). Cada escola, angola ou regional, possui metodologia de ensino

própria. Neste estudo, adotamos terminologias da metodologia do Mestre Paulinho Sabiá, do Grupo Capoeira Brasil, por ser a escola que pertencemos. Nesta escola, na fase inicial de aprendizagem da luta, são ensinadas a ginga e as esquivas (frontal, lateral, atrás e as pendulares); em seguida os golpes rodados e de linhas; e por fim alguns floreios (movimentos acrobáticos). Os golpes de linha são classificados em: benção, martelo e pisão; os rodados são: meia-lua de frente, queixada, armada, meia-lua de compasso, e meia-lua de chão; enquanto as negativas básicas são: atrás, avançando, lateral e apanhado trocando. Os primeiros floreios ensinados são: o aú, que se assemelha à estrela; o macaco, as pontes e os movimentos com encaixe na região das costelas conhecidos como queda de rim (SOUZA, 2006).

A luta se desenvolve na “roda de capoeira”, tombada como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico em 15/07/2008, por ser praticada em cerca de 150 países. No Rio de Janeiro foi tombada como bem imaterial, em 20 de novembro de 2009, através da Lei n. 2.414/2009. Conta com cerca de 6 milhões de adeptos no Brasil (VIEIRA, 2004). Isso reafirma a sua importância no cenário cultural, como um bem inalienável com intuito de preservar valores, saberes populares, crenças, identidades, símbolos e práticas transmitidas por geração de brasileiros afro-descendentes (GONÇALVES JÚNIOR, 2009).

Na Educação Física, a capoeira despertou a atenção de estudiosos como Marinho (1945), Vieira (1995), Iório e Rangel (2005), Freitas (2005) e Brito (2007), que apontam as relações entre a capoeira e a Educação Física escolar, como elemento da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 2004).

O reconhecimento da capoeira e outras manifestações da cultura afro-brasileira, como as danças folclóricas (maculelê, samba de roda, puxada de rede e o jongo), culminou com a publicação da Lei nº. 11.645/2008 que modificou o texto da Lei nº. 10.639, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº. 9394/1996), tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos graus de ensino fundamental e médio (SOUZA, FERRAZ, CHAVES, 2007).

### **Capoeira e relações de gênero**

O termo gênero vem sendo adotado em diversos estudos de diversas áreas do saber e designa as relações sociais baseadas nas diferenças existentes entre os sexos, indicando as construções sócio-culturais sobre os significados atribuídos aos papéis que homens e mulheres assumem no contexto social (SCOTT, 1995).

Historicamente, atividades físicas como lutas e esportes coletivos são áreas de reserva masculina; oferecendo barreiras culturais para a inserção das mulheres, que tendem a ser estimuladas a desenvolverem atividades culturalmente associadas ao desenvolvimento da feminilidade hegemônica, como atividades rítmicas ou que não demandem contato físico e combatividade, características instrumentais associadas à identidade de gênero masculina (DEVIDE, 2005). Nesse contexto, a masculinidade e a virilidade estão associadas às lutas (MELO; VAZ, 2008). Essas são tidas como um ritual de passagem para a construção da masculinidade, tornando meninos, homens (DUNNING; MAGUIRE, 1997).

As mulheres foram consideradas, por médicos, fisiologistas e educadores como o “sexo frágil”. As que praticavam atividades consideradas como própria dos homens eram rotuladas e estigmatizadas como “masculinas” sendo frequentemente vítimas de preconceitos por parte de homens e de mulheres (DEVIDE, 2005).

Atividades como judô, boxe, rúgbi, futebol e capoeira eram consideradas práticas inapropriadas, sendo desaconselhadas e proibidas por lei<sup>1</sup>.

Essas interdições passaram a vigorar de forma expressa de 1941 a 1975, restringindo as mulheres à prática de algumas atividades físicas, em razão da fragilidade e proteção a maternidade (SOARES, 1994; ALDEMAN, 2003; DEVIDE, 2005).

Apesar dessas barreiras históricas, há um grande número de mulheres capoeiristas, tanto no Brasil como em outros países. Entretanto, ainda há um desequilíbrio se compararmos com o quantitativo de homens praticantes. A capoeira é uma luta com cerca de 300 anos de história. Onde os episódios mais marcantes são contados de geração em geração, comportamento muito comum dentro da cultura

---

<sup>1</sup> A Lei 3.199/1941 proibia a prática de lutas por mulheres, pela incompatibilidade com a sua natureza (BRASIL, 1941). A Deliberação número 7, de 1965, do Conselho Nacional de Desportos passou a proibir a prática de qualquer modalidade de futebol, luta, pólo, halterofilismo e basebol por mulheres. Porém, somente em 1979 através da deliberação 10/79 que a proibição foi extinta (DEVIDE, 2005; MOURÃO; SOUZA, 2007).

africana, a tradição oral. Há muitos mitos e lendas a respeito de grandes capoeiristas do passado (PIRES, 2004; ABREU, 2005).

No contexto dessa tradição oral, se conhecem muitos capoeiristas famosos do passado, mas em relação às mulheres os registros são escassos, por ser a capoeira uma luta cuja hegemonia ainda é masculina. Pires (2004) afirma que as primeiras mulheres capoeiristas foram estigmatizadas como masculinas.

A capoeira é uma luta praticada majoritariamente por homens, podendo ser interpretada como uma área de reserva masculina. No entanto, no contexto de hegemonia masculina, houve presença de algumas mulheres vanguardistas, que no século XIX já frequentavam as rodas de capoeira na Bahia, sendo objetos de pesquisa de historiadores, tais como: Maria Felipa de Oliveira, Maria doze homens e Salomé.

Maria Felipa de Oliveira era negra, marisqueira e capoeirista baiana, nascida no início do século XIX, moradora da Ilha de Itaparica de onde saía para jogar capoeira no cais de Salvador em pleno regime de escravidão no Brasil. Seu nome está associado ao levante negro de 10 de julho de 1822 que resultou na expulsão das últimas tropas portuguesas da Bahia, resultando na Independência desse Estado, cujas comemorações ocorrem em dois de julho (ABREU, 2005; METTING, 2009).

A história também faz menção ao nome de Maria Doze Homens e a Salomé, lendárias capoeiristas que fazem parte do imaginário popular baiano e também brasileiro (ALMEIDA; 1986; ABREU, 2005; OLIVEIRA & LEAL, 2009). No início do século XX, entre 1920 e 1930, em Salvador, havia duas mulheres capoeiristas que gostavam de batuque e de samba: Salomé e Maria dos Anjos foram alunas do capoeirista apelidado como: “Doze Homens”, segundo depoimento de Mestre Atenilo (Altenísio dos Santos, “Relâmpago”, 1916-1986).

Outras mulheres baianas também conhecidas e cantadas nas rodas de capoeira foram Dona Maria do Camboatá, e a “Maria Homem”, mulher que jogava capoeira e brigava nas ruas (REGO, 1968; ALMEIDA, 1988; PIRES, 2004; OLIVEIRA; LEAL, 2009). Almeida (1986) informa que poucas mulheres faziam parte do cenário da capoeira no início do século XX, mas que por volta de 1940, Mestre Bimba treinou uma

mulher chamada de “Maria Doze Homens” e um grupo de mulheres para participar de um Festival Internacional.

Na década de 1950, no Rio de Janeiro Mestre Artur Emídio treinou várias mulheres, dentre elas Lucy Maia, campeã brasileira de tênis e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Professor João Lira Filho realizou o primeiro curso universitário de Capoeiragem do Brasil contando com a presença de mais de cem mulheres (LOPES, 2002; MURAD, 2009).

Nas décadas de 1970 e 1980 as mulheres se fizeram presentes, havendo registros da participação delas nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), pois desde 1985 já constavam no regulamento, as categorias masculino e feminino na modalidade capoeira. Mourão e Souza (2007) ressaltam que neste momento, o Brasil está vivenciando transformações sócio-culturais e políticas intensas. Afirmam que a legalização em 1979, do judô feminino pela deliberação 10, possibilitou a presença das mulheres na prática de lutas e esportes antes só permitidos aos homens. Logo, é provável que tal fato possa ter sido um fator que contribuiu para que estas procurassem esta luta.

A partir de então, há uma presença maior de mulheres que se inseriram na prática de lutas, especificamente a capoeira (BRUHNS, 2000; SOUZA, 2009). Lopes (2002) informa que atualmente há Mestras de Capoeira em quase todos os Estados brasileiros e no exterior e que é crescente a participação delas neste meio, tais como: Sueli Cota, Rufatto, Borboleta, Suri-Sam, Cigarra, Janja e Edna.

De acordo com a nossa experiência empírica pode-se afirmar que atualmente, a aderência das mulheres à prática da capoeira é um fenômeno que ocorre no Brasil e em outras partes do mundo. Porém, estes números ainda apresentam um desequilíbrio se comparados à participação dos homens que praticam capoeira e obtêm a titulação de mestres.

### **Considerações Finais**

A capoeira é uma luta que desde a sua origem é dominada pelos homens, sendo interpretada como uma área de reserva masculina. Poucas mulheres participaram ativamente da sua história. Hoje, pode-se afirmar que há um grande número de



mulheres capoeiristas, mas ainda há uma desigualdade em relação aos homens. Existem diversos fatores que contribuem para esse desequilíbrio: a dupla jornada de trabalho e os atributos sociais associados à família, não restando tempo para treinos, viagens e participação em eventos. Além disso, quando chegam à condição de mestras, não têm o mesmo reconhecimento que os homens.

Sugere-se que outros estudos investiguem as conquistas de mulheres capoeiristas que atuaram no passado e foram responsáveis pelos primórdios da História das Mulheres na capoeira no Brasil, contribuindo para a emancipação das mulheres na sociedade brasileira e conseqüentemente, para que as futuras gerações convivam em uma sociedade mais equalizada em termos de relações de gênero.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, F. J. **Capoeiras** – Bahia, século XIX: imaginário e documentação. Salvador: Vogal, 2005.
- ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Rev. Estud. Fem.** vol.11 no.2 Florianópolis July/Dec., 2003.
- ALMEIDA, B. **Capoeira** – A Brazilian Art Form. California: North Atlantic Books, 1986.
- ALMEIDA, R. C. **A Saga de Mestre Bimba**. 2<sup>a</sup>. ed. Salvador: P&A, 1994.
- ALMEIDA, R. C. **The Saga Of Mestre Bimba**. USA: ISBS, 2006.
- BRASIL. M.E.D. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física, Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Disponível em:** <<http://www.senadofederal.gov.br>> **Acesso em 26 fev 2010.**
- BRITO, E. P. **No Caminho da Malícia**. Goiânia: Editora Grafset, 2007.
- BRUHNS, H. T. **Futebol, Carnaval e Capoeira** – entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papyrus, 2000.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de ouro – Dois Leões, 1954.





COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2004.

CÓDIGO PENAL DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. **Decreto nº 847**, de 11 de outubro de 1890.

DEVIDE, F. P. **Gênero E Mulheres No Esporte** – história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí, RGS: Editora UNIJUI, 2005.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**. N.2, 321-349, 1997.

FACULDADE OLGA METTING. Disponível em: [http://www.famettig.br/noticias/one\\_news.asp?IDNews=878](http://www.famettig.br/noticias/one_news.asp?IDNews=878)> Acessado em: 10 set 2009.

FIGUEIREDO, C. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Ed. Lisboa, 1925.

FREITAS, J. L. **Capoeira na Educação Física – Como Ensinar**. Curitiba: Progressiva, 2007.

GONÇALVES JÚNIOR, L. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.3, p700-707, jul/set., 2009.

IÓRIO, L. S.; DARIDO, S.C. Capoeira. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, A. I. C. **Educação Física na Escola** - Implicações para a Prática Pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 262-287.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL- IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=13983&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>> Acesso em: 25 ago 2008.

LOPES, A. L. L. **A capoeiragem no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Europa, 2002.

MARINHO, I. P. **Ministério da Educação e Saúde - Divisão de Educação Física**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1945.

MELO, V. A.; VAZ, A. F. Cinema, corpo, boxe: reflexões e notas sobre a questão da construção da masculinidade. In: ROMERO, E.; PEREIRA, G. B. **O Universo do Corpo** – Masculinidade e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

MOURÃO, L.; SOUZA, G.C. Narrativas sobre o Sul-Americano de Judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil. In.: GOELLNER, S. V; JAEGER, A. A. (Orgs.). **Garimpando Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MURAD, M. **Sociologia e Educação Física** – diálogos, linguagens do corpo, esportes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. **Capoeira, Identidade e Gênero** – ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.



PIRES, A. L. C. S. **A Capoeira na Bahia de Todos os Santos – Um Estudo Sobre a Cultura e Classes Trabalhadoras (1890 – 1937)**. Tocantins: Fundação Universidade Federal do Tocantins (Grafset Editora Ltda) e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, 2004.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.20, n.2, , p.71-99, jul/dez, 1995.

SOARES, C. E. L. **A Negregada Instituição – Os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Coleção Carioca, 1994.

SOUZA, P. C. S. **Capoeira – Técnicas Básicas**. France: Lês Éditions I-Prods, 2006.

\_\_\_\_\_. **Palestra no Festival Internacional de 20 anos do GCB**. Niterói, 2009.

SOUZA, E. G. R. S; FERRAZ, M. R.; CHAVES, W. M. História E Cultura Afro-Brasileira (Lei 10.639/03): Um Desafio Para a Educação Física Escola. In: **ENFEFE 2007 – UFF/Niterói**.

TUBINO, M. J. G. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2007.

VIEIRA, L. R. **O Jogo da Capoeira – Cultura Popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

VIEIRA, S.L.S. A Capoeira. In: DACOSTA, L. P.(Org.). **Atlas do Esporte no Brasil: Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2004.